

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS DE BACABAL - CCLB
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS

JEMIMA RODRIGUES DUTRA

UM OLHAR SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL E A VIOLÊNCIA: uma leitura
do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo

JEMIMA RODRIGUES DUTRA

UM OLHAR SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL E A VIOLÊNCIA: uma leitura
do conto “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Português, do Centro de Ciências de Bacabal – CCBA, Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

DUTRA RODRIGUES, JEMIMA.

UM OLHAR SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL E A VIOLÊNCIA:
UMA LEITURA DO CONTO ZAITA ESQUECEU DE GUARDAR OS
BRINQUEDOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO / JEMIMA RODRIGUES
DUTRA. - 2026. 51 p.

Orientador(a): Rubenil da Silva Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Português,
Universidade Federal do Maranhão, Bacabal-Ma, 2026.

1. DESIGUALDADE. 2. VIOLÊNCIA. 3. INFÂNCIA. 4.
ZAITA. 5. FAVELAS. I. Silva Oliveira, Rubenil da.
II. Título.

JEMIMA RODRIGUES DUTRA

UM OLHAR SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL E A VIOLÊNCIA: uma leitura
do conto “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras – Português, do Centro de
Ciências de Bacabal – CCBA, Universidade Federal
do Maranhão (UFMA) como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Letras –
Português.

Aprovada em _16_ / _07_ / 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira (UFMA)
ORIENTADOR

Prof.^a Dr.^a Renata Cristina da Cunha (UESPI)
1^a Examinadora

Prof.^a Me. Maria Cleidimar da Silva Ribeiro (SEDUC-MA)
2^a Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais que são a minha base, meu alicerce, minha inspiração, minha força, meu porto segurança e meus maiores exemplos. Meu amado pai Benedito e minha amada mãe Maria Cirene, gratidão por tudo. Vocês que sonharam um dia estudar e se formar, porventura não conseguiram devido as dificuldades que a vida lhe pôs, não deixe de acreditar e de persistir, pois a educação é o caminho para esse sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois sem ele não teria conseguido seguir esse percurso. Foi ele que me fortaleceu nos momentos difíceis, segurou em minhas quando pensei em parar e estava comigo sempre. Sem sua presença em minha vida não conseguiria chegar até aqui.

Agradeço a base da minha vida que são meus pais, Benedito e Maria Cirene, obrigado por sempre estarem ao meu lado, me dando todo suporte para eu não desistir, pelo amor e carinho que o mais essencial.

Aos meus irmãos Gessilene, Geiza, Thiago e Jeremias, meu muito obrigado pela força e por todo o apoio que foram importantes para mim, amo vocês. Aos meus sobrinhos Vitória e Miguel obrigado pelo carinho e amor.

Sou imensamente grata aos meus amigos que construí na universidade: Valquíria, Isamara, Marcela, Pablo, Juliana, Larissa, obrigado por compartilharem em jornada comigo, tornando os dias mais leves e transformando esse percurso mais alegre e tranquilo.

Agradeço também à professora Maria Evelta, que auxiliou no início da pesquisa, gratidão pelo apoio e força.

Por fim, com profundo reconhecimento e gratidão, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira, pela dedicação, paciência, orientação e apoio ao longo de todo o trajeto da minha pesquisa. Sua contribuição foi fundamental para a realização deste trabalho. Sua contribuição foi essencial.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a desigualdade social e a violência na obra de Conceição Evaristo. A problemática que conduziu essa pesquisa foi: de que maneira Conceição Evaristo representa a desigualdade social e a violência no conto *Zaita Esqueceu de Guardar os Brinquedos*, como forma e denúncia das condições da população periférica? Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa, com viés descritivo da violência urbana e desigualdade, uma vez que busca analisar a obra *Olhos d'Água* (2014). Deste trabalho, foram coletados dados bibliográficos, leitura e seleção de textos. Os dados são obtidos nessa pesquisa mostram que a Conceição Evaristo rompe com padrões historicamente predominantes a literatura brasileira com o foco narrativo em personagens negros, mulheres, crianças e moradores das periferias. Os referenciais teóricos o que sustentam as análises incluem: Conceição Evaristo (2014), Sônia Kramer (2026), Valmir de Souza (2007), Sebastião Marques (2018), Esmeralda Ribeiro (1985), Danielle Mendes (2015) e Jessé Souza (2009). A pesquisa a partir da relação entre desigualdade social, violência e direito da infância através da literatura de Conceição Evaristo, dando voz á personagens periféricos e marginalizados. Essa pesquisa contribuiu Para ampliar os estudos acerca da literatura afro-brasileira contemporânea, ao evidenciar a relevância da escrita de Conceição Evaristo para a compreensão das relações entre literatura e desigualdade social, violência e os direitos humanos.

Palavras-chave: Desigualdade; Violência; Infância; Zaita; Favela.

ABSTRACT

This Course Conclusion Work aims to analyze social inequality and violence in the work of Conceição Evaristo. The guiding problem for this research was: how does Conceição Evaristo represent social inequality and violence in the short story “Zaita Esqueceu de Guardar os Brinquedos” (Zaita Forgot to Put Her Toys Away) as a way to denounce the conditions of the peripheral population? This study used a qualitative approach, with a descriptive perspective of urban violence and inequality, as it seeks to analyze the book *Olhos d'Água* (2014). For this study, bibliographic data were collected, along with the reading and selection of texts. The data obtained in this research show that Evaristo breaks with historically predominant patterns in Brazilian literature by focusing the narrative on black characters, women, children, and residents of the outskirts. The theoretical references that support the analyzes include: Conceição Evaristo (2014), Sônia Kramer (2026), Valmir de Souza (2007), Sebastião Marques (2018), Esmeralda Ribeiro (1985), Danielle Mendes (2015), and Jessé Souza (2009). The research builds upon the relationship between social inequality, violence, and children's rights through the literature of Conceição Evaristo, giving a voice to peripheral and marginalized characters. This research contributes to expanding studies on contemporary Afro-Brazilian literature, by highlighting the relevance of Conceição Evaristo's writing for understanding the relationships among living literature, social inequality, violence, and human rights.

Keywords: Inequality; Violence; Childhood; Zaita; Slum.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PERSCRUTANDO A ESCRITA EVARISTIANA: desigualdade e violência.....	12
2.1	O que é desigualdade social? Notas socioantropológicas.....	16
2.2	Violência: conceitos e formas.....	17
2.3	Escrevivência, memória e leitura crítica da desigualdade.....	20
3	CONCEIÇÃO EVARISTO: literatura e denúncia social.....	22
3.1	Biografia e trajetória literária de Conceição Evaristo.....	23
3.2	A denúncia social e a representação das minorias na obra olhos d' Água	24
3.3	A infância e a marginalização social em conceição evaristo.....	28
3.4	A infância periférica e humanização como crítica social.....	31
4	DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA: uma leitura de “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”	34
4.1	A vida na favela e a infância.....	38
4.2	A violência não tem idade nem nome.....	41
4.3	Zaíta, violência e direito à infância.....	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira contemporânea constitui um dos movimentos mais expressivos da literatura nacional, ganhando destaque a partir das últimas décadas do século XX. Enraizada nas experiências das populações negras e periféricas, essa produção literária não apenas enriquece a diversidade da literatura brasileira, mas também denuncia a violência e a desigualdade social que marcam a realidade de grande parcela da população.

Além de ampliar o cânone literário nacional, essa produção questiona estruturas de poder historicamente excludentes e oferece ao leitor perspectivas que, durante muito tempo, permaneceram silenciadas. Trata-se de uma literatura comprometida com a representação de sujeitos marginalizados, que faz da palavra um instrumento de resistência e de transformação social.

Nesse contexto, destaca-se a produção de Conceição Evaristo, escritora, pesquisadora e intelectual brasileira, cuja obra é reconhecida pela profundidade com que articula literatura, memória e denúncia social. Sua escrita, fundamentada no conceito de “escrevivência”, parte da experiência vivida para construir narrativas que expõem as contradições de uma sociedade marcada pela desigualdade racial, de classe e de gênero. Por essa razão, a sua escrita tem influenciado novas gerações de autores e pesquisadores comprometidos com uma perspectiva mais plural e crítica da literatura brasileira, contribuindo para o fortalecimento de um campo literário que valoriza as vozes historicamente apagadas.

Diante disso, a obra *Olhos d'Água* (2016), coletânea de contos publicada por Conceição Evaristo, destaca-se por estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, evidenciando a persistência da violência e da desigualdade social no cotidiano das populações periféricas. Os contos que compõem a obra narram histórias de mulheres, crianças e homens negros que vivem sob o peso da exclusão social, da violência urbana e do abandono do Estado.

Diante do contexto de desigualdade social retratado em *Olhos d'Água* (2016), surge a seguinte questão que orienta a presente pesquisa: de que forma Conceição Evaristo representa a desigualdade social e a violência no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”?

Com base nisso, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma Conceição Evaristo representa a desigualdade social e a violência no referido conto, observando como a narrativa articula a vivência periférica, a infância interrompida e a crítica ao abandono das populações marginalizadas. Como objetivos específicos, busca-se: identificar as marcas da desigualdade social e da violência no conto; compreender o conceito de escrevivência e sua relação com a denúncia social na obra de Evaristo; e analisar a representação da infância periférica como instrumento de crítica social.

A pesquisa se justifica pela relevância de discutir a desigualdade social e a violência, problemas que persistem na sociedade brasileira contemporânea e que encontram na literatura um espaço fértil de reflexão e denúncia. Analisar a obra de Conceição Evaristo é, também, contribuir para a valorização da literatura afro-brasileira e para a formação de leitores críticos comprometidos com a transformação social.

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, com enfoque na análise literária da representação da violência urbana e da desigualdade social. A pesquisa parte de uma leitura interpretativa do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, articulando-a com o aporte teórico de autores das áreas de literatura, sociologia e antropologia.

As etapas da pesquisa incluíram levantamento teórico e bibliográfico, leitura e seleção de textos fundamentais para a discussão proposta, análise do conto à luz das teorias mobilizadas e sistematização dos resultados obtidos. Ao passo que a coleta de informações partiu de textos acadêmicos, artigos, ensaios e obras literárias que dialogam com a literatura de Conceição Evaristo, com os estudos sobre desigualdade social e violência, e com as discussões sobre infância e marginalização na sociedade brasileira.

A pesquisa está organizada em cinco capítulos, incluindo a introdução e a conclusão. O segundo capítulo, intitulado “Perscrutando a escrita evaristiana: desigualdade e violência”, apresenta o referencial teórico que fundamenta a análise, discutindo os conceitos de desigualdade social, violência e escrevivência.

O terceiro capítulo, intitulado “Conceição Evaristo: literatura e denúncia social”, apresenta as denúncias sociais a partir da trajetória literária da autora, analisando como sua obra representa as minorias e constrói uma crítica social consistente.

O quarto capítulo, intitulado “Desigualdade social e violência: uma leitura de ‘Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos’”, realiza a análise propriamente dita do conto, examinando

a vida na favela, a violência sem idade nem nome e o direito à infância negado à personagem central.

Por fim, a conclusão retoma os principais resultados da pesquisa e aponta a contribuição de Conceição Evaristo para a compreensão literária e social da desigualdade e da violência no Brasil contemporâneo.

Ressalta-se ainda que a escolha de um conto como objeto de análise não diminui a densidade da reflexão proposta. Pelo contrário, o conto é uma forma narrativa especialmente potente para capturar o instante em que a violência estrutural se manifesta de maneira mais crua e irreduzível. Em poucas páginas, Conceição Evaristo condensa décadas de exclusão, apagamento e resistência, exigindo do leitor um olhar atento às camadas de sentido que se acumulam em cada detalhe narrativo.

Espera-se que esta pesquisa contribua para o debate acadêmico sobre a literatura afro-brasileira e sobre os modos como a ficção pode iluminar realidades sociais frequentemente invisibilizadas. Mais do que um exercício de análise literária, este trabalho é também um gesto de reconhecimento: ao nomear Zaíta, ao narrar sua história e ao investigar as condições que determinaram seu destino, reafirmamos que a literatura tem o poder — e a responsabilidade — de fazer ver o que a sociedade insiste em não enxergar.

2 PERSCRUTANDO A ESCRITA EVARISTIANA: desigualdade e violência

A literatura brasileira em sua trajetória histórica, frequentemente subordinadas às narrativas de opressão, especialmente as de mulheres negras, no contexto de uma sociedade profundamente marcada pelo racismo estrutural e pela herança patriarcal e escravagista, cujas histórias foram e até hoje são sistematicamente apagadas ou distorcidas, suas vozes também silenciadas de forma sistêmica. Assim como as produções literárias, frequentemente subordinadas as narrativas de opressão e subalternidade.

Assim, a literatura afro-brasileira contemporânea surgiu no final século XX, consolidou-se no final da década de 1970, mas ganhou força nas décadas de 1980 e 1990, essa literatura teve como objetivo impulsionar a resistência a negra, traz diversidade de estilos e gêneros, ela aborda o cotidiano, crítica social e vozes culturais. Assim, essa literatura é crucial para a construção de identidade nacional, a literatura brasileira foi marcada por produções que problematizaram as desigualdades sociais.

Essa literatura é fundamental para compreender as transformações culturais, sociais e políticas do Brasil nas últimas décadas, representa e amplia a presença de vozes negras, tornou-se uma ferramenta de afirmação de identidade e resistência e ganhou espaço em nosso país ao longo do tempo, na qual é de suma relevância para refletir as dificuldades enfrentadas pela população negra durante o período de escravidão.

Luiza Lobo, em seu livro “crítica sem juízo” define a literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (Lobo, 2007, p. 315).

Lobo ainda enfatiza que a literatura afro-brasileira não é definida apenas por falar sobre negros, mas por ser escrita de dentro com voz própria, identidade assumida e compromisso com a experiência negra, assim a autora propõe uma reflexão crítica sobre como essa literatura deve ser entendida e analisada dentro dos estudos literários, levando em consideração que o contexto histórico, social e racial estejam presentes nas obras.

Desse modo, alguns autores se destacaram na literatura afro-brasileira contemporânea ao longo do tempo. Entre eles Conceição Evaristo é uma das principais representantes dessa literatura, sua escrita se destaca por apresentar narrativas que evidenciam a vivência e resistência da mulher negra, bem como o racismo e a desigualdade social. A autora destaca essas

temáticas como forma de representatividade social, dando ênfase às histórias que ocorrem no nosso cotidiano.

Nesse contexto, a escrita de Conceição Evaristo pode ser compreendida como uma forma de resistência literária e política, ao narrar histórias que emergem das margens sociais, a autora amplia o campo de representação da literatura brasileira trazendo para o centro da narrativa sujeitos historicamente invisibilizados e assim sua obra não apenas denuncia as desigualdades e as violências presentes na sociedade, mas também reafirma a importância da memória, da identidade e da voz das populações negras e periféricas.

Ao perscrutar a escrita evaristiana, tornou-se possível compreender como a autora utiliza a literatura como instrumento de reflexão crítica sobre a realidade social brasileira, em suas narrativas desigualdade e violência não aparecem, como fenômenos isolados, mas como elementos interligados que estruturam as experiências de vida de suas personagens, Conceição deixa evidente que seu principal objetivo é ampliar o campo da literatura ao inserir vozes historicamente silenciadas.

O conceito de *escrevivência* utilizado por Conceição Evaristo é central para a compreensão de sua obra e de sua proposta estética e política, a autora destaca o termo o qual está ligada à vivência, memória familiar, a experiência cotidiana das mulheres negras, que se transforma em narrativa literária, suas particularidades, suas lutas diárias e sua identidade, o que indica uma escrita profundamente enraizada na experiência de vida, sobretudo na realidade de mulheres negras.

Pensar a *Escrevivência* como um fenômeno diásporo e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada. (Evaristo, et al, 2020, p. 29-30).

Evaristo destaca que, o termo “*escrevivência*” não nasce apenas como conceito teórico, mas de uma experiência histórica concreta que gera sentido. A autora enfatiza um lugar de dor e memória, simbolizando as mulheres pretas que eram silenciadas, o que aponta para algo vivido, herdado e transmitido, faz referência a mãe preta que foi uma figura histórica da época da escravidão no Brasil, Assim, Conceição propõe uma reinterpretação da história brasileira onde as vozes femininas negras ganham espaço e reconhecimento.

Desse modo a *escrevivência*, não é apenas um estilo literário, mas uma forma de existir e resistir por meio da palavra, nas obras de Conceição Evaristo ela mostra que escrever pode ser um gesto de afirmação identitário, de denúncia social e de reconstrução histórica, sua

literatura convida o leitor não apenas ler, mas escutar vozes que por muito tempo foram caladas, transformando a escrita em um espaço de luta e humanidade.

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada. (Evaristo, et al, 2020, p. 31).

A autora enfatiza que o termo escrevivência, por ela utilizado propõe uma escrita enraizada na experiência vivida, atravessando origens e resgatando a ancestralidade do povo negro, Conceição ainda coloca em pauta que, de certa forma, as estruturas poder ainda tentam silenciar essas vozes negras, mas deixa evidente que sempre se expressa por meio de suas obras enaltecendo seu povo e suas origens.

Outro ponto importante presente na escrita de Evaristo é a memória, pois, na escrevivência, lembrar é um ato de resistência, desse modo ao recuperar histórias apagadas ou ignoradas, autora contribui para a construção de uma memória coletiva que valoriza a experiência negra no Brasil, essa memória não é apenas individual, mas compartilhada formando uma memória coletiva de relevância social que conecta passado, presente e futuro.

Nesse sentido a literatura funciona como espaço de construção da memória e de ressignificação das experiências de sofrimento e resistência, a escrita tornou-se, portanto, um instrumento de afirmação que representa o enfrentamento das estruturas de poder que historicamente discriminam esses sujeitos, assim é possível observar que a memória coletiva se insere nas narrativas de Conceição, tendo um papel relevante em sua escrita.

A gente está falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que estrutura como ficção, Consciência exclui o que a memória inclui. (Gonzalez, 1984, p.226).

A autora deixa evidente a importância da consciência e afirma que, a ideia de ser consciente significa necessariamente ter clareza ou domínio da realidade, Já a memória a autora apresenta, não apenas como um repertório de lembranças conscientes e organizadas, mas o campo profundo, onde permanecem inscritas experiências, histórias e saberes que não foram plenamente reconhecidos ou registrados oficialmente, assim Gonzalez nos convida a desconfiar da transparência da consciência e a valorizar a memória como um campo vivo de produção, de sentido, de onde podem emergir vozes, experiências e verdades.

Dessa forma, Conceição utiliza a literatura como forma de revelar realidades muitas vezes invisíveis, ao mesmo tempo em que constrói narrativas de resistência, solidariedade e sobrevivência, assim sua escrita ultrapassa o campo estético, que contribui para um debate sobre justiça social e memória na sociedade brasileira.

Nessa perspectiva Evaristo trabalha temas universais em suas obras, alguns já são bem marcantes em sua literatura como a violência e desigualdade social, a autora apresenta narrativas que expõe as marcas dessas temáticas mencionadas, na qual foram vivenciadas no contexto histórico brasileiro principalmente no período da escravidão e até nos dias presentes por pessoas que vivem em locais de vulnerabilidade.

Ao analisar a escrita evaristiana, percebe-se que a desigualdade social constitui um dos principais eixos estruturadores de suas narrativas, em diversas obras, como *Olhos d'Água*, a autora apresenta personagens que vivem em contextos de pobreza, exclusão e invisibilidade social, esse sujeito muitas vezes situado nas periferias urbanas ou em espaços socialmente marginalizados revelam as consequências históricas da desigualdade social e econômica que caracteriza a formação social brasileira.

Embora as políticas do mundo em desenvolvimento sejam muito diversas, uma regularidade é que o poder tende a se concentrar relativamente nas mãos dos tipos de pessoas que temos entrevistado – pequenas elites nacionais. Essas têm atitudes ambíguas em relação à redução da pobreza e da desigualdade e têm interesse nela. Por um lado, eles podem se beneficiar de serem poderosos e ricos no meio da pobreza, e temer as consequências de qualquer mudança significativa. Por outro lado, eles podem frequentemente perceber a pobreza como um problema e uma ameaça - ao bem-estar de 'pessoas como elas' ou à prosperidade, segurança ou dignidade de uma comunidade política e moral (nacional) maior com a qual eles se identificam. (Moore; Hossain 2005, p. 208).

No cenário de pobreza e desigualdade é possível observar que esses problemas ocorrem não apenas no Brasil, mas também em outros países, os autores deixam em evidência que as elites podem se beneficiar-se diretamente da desigualdade existente, vivem em contextos em que há grande demanda social, por outro lado essas mesmas elites não são completamente indiferentes à pobreza, ou seja, pode gerar estabilidade social e aumento da violência. Nesse sentido os autores argumentam que o enfrentamento da pobreza e da desigualdade não depende apenas de recursos econômicos ou de boas políticas técnicas, mas está profundamente ligada à configuração do poder e aos seus interesses.

Assim, a análise da desigualdade e da violência é vista em várias escritas dentro da literatura brasileira, como de forma demonstrar que esses problemas são bem evidentes na sociedade, e que podem ser perceptíveis em comunidades que menos possuem acesso à

educação e políticas públicas de qualidade, e por serem mais vulneráveis de certa forma, chegam a ser afetadas com esses fatores.

2.1 O que é desigualdade social? Notas socioantropológicas

Quando falamos em literatura brasileira, logo pensamos o quanto é ela importante, seu início apresentou destaque relevantes como autores que se destacaram através de suas obras, que a partir delas surgiram movimentos que marcam a época, além disso englobou os primeiros textos escritos em terras brasileiras que foram fundamentais naquele período e até os dias atuais, assim a literatura foi historicamente subdividida em duas eras, relacionadas à evolução política e econômica do país, dimensões que permanecem interligadas.

A partir disso, observamos que os autores da literatura brasileira sempre trabalharam diversas temáticas, sendo assim percebemos que a política sempre esteve nos temas da literatura, os autores contribuem quando citam as questões de desigualdade social, pobreza e violência em suas obras literárias, esses problemas sempre estão em evidência em nossa sociedade, principalmente em locais por menor acesso a direitos e maior vulnerabilidade.

Os problemas sobre a desigualdade social não vêm de hoje, no século XX foi marcado por intensos movimentos sociais, buscavam incansavelmente uma sociedade igualitária-anarquistas, comunistas e socialistas. Além disso, século XX foi palco de importantes movimentos sociais que ampliaram as ações em prol da igualdade para além da esfera econômica, apesar de conquistas significativas, esses movimentos também enfrentaram repressões, divisões internas e desafios práticos da implementação de seus ideais.

A desigualdade social está presente na contemporaneidade quase que de modo inerente a condição humana, acentuando-se a cada momento da história recente da humanidade, Dias (2005), diz que no combate à desigualdade social busca-se atingir a ‘equidade social’, que é o direito que as pessoas têm de participar não só da atividade política econômica, mas também o direito de contar com os meios de subsistência e com acesso a um conjunto de serviços públicos, que permitam manter um nível adequado de vida, ou seja o autor deixa em evidência que todos tenham oportunidade e condições concretas para viver bem e participar da sociedade mesmo que isso exija políticas diferenciadas para reduzir desigualdades. (Dias, 2005, p.153). Além disso, assevera-se:

A desigualdade, no limite, a desigualdade extrema, a falta radical de igualdade é a escravidão, uma situação em que os homens perderam de tal forma a propriedade que nem sequer são donos de si. Já o não reconhecimento das diferenças étnicas, religiosas,

de gênero, de idade etc. – significa a discriminação e a exclusão, e, no limite, a eliminação. (Kramer, 2026, p. 63).

A autora deixa evidente que, a desigualdade pode levar o indivíduo a extremidades maiores, isso significa que quando essa desigualdade é levada ao limite algumas pessoas passam a não ter direitos básicos e nem autonomia, isso demonstra que uma sociedade justa precisa equilibrar duas questões ao mesmo tempo, ou seja, garantir igualdade de direitos e respeitar diferença, quando esse equilíbrio não existe, surgem formas graves de injustiça social.

A desigualdade social constitui um dos principais eixos estruturantes das sociedades contemporâneas, manifestando-se na distribuição desigual de recursos materiais, simbólicos e de oportunidades entre diferentes grupos sociais, mais do que uma simples diferença econômica, trata-se de um fenômeno complexo que envolve dimensões históricas e culturais.

A socioantropológica é um campo de estudos que, procura compreender e explicar as estruturas da sociedade, criando conceitos e teorias a fim de manter ou alterar as relações de poder nela existentes, esse, é basicamente, um campo de estudo da sociologia, desenvolvido por autores como Karl Max e Max Weber. Já na literatura a autora Conceição Evaristo utiliza esse campo de estudos, no conceito usado por ela como “escrevivência”, na qual ela aplica em algumas obras, esse termo socioantropológico funciona, em suas narrativas como profunda análise de questões que ocorrem no Brasil.

Na perspectiva socioantropológica, a desigualdade social não pode ser dissociada das formas de vida e das experiências concretas dos sujeitos, a antropologia enfatiza como diferentes grupos que vivenciam a exclusão, marginalização e a violência estrutural em seus cotidianos, nesse sentido, não é apenas um dado estatístico, mas uma experiência incorporada que afeta corpos, subjetividades e trajetórias de vida.

2.2 Violência: conceitos e formas

A violência pode ser entendida como toda ação ou situação que provoca sofrimento, opressão, exclusão ou negação de direitos aos indivíduos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência caracteriza-se pelo uso da força física ou do poder contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo, podendo acarretar danos físicos, psicológicos ou sociais. Assim, a violência também pode ser estrutural, cultural e interpessoal sendo alimentada por relações de poder desiguais e por mecanismo de opressão a violência gera sofrimento medo e silenciamento impactando diretamente a vida das pessoas e das comunidades.

Nesse sentido, o conceito de violência é ambíguo e complexo, pois implica vários elementos e posições teóricas e variadas maneiras de solução ou eliminação. As formas de violência são tão numerosas que é difícil elencá-las de modo satisfatório, diversos profissionais, especialmente da mídia, manifestam-se sobre ela oferecem alternativas de solução, todavia, a violência surge na sociedade sempre de modo novo e não se consegue evitá-la por completo.

É necessário considerar que o termo violência atualmente está na ordem do dia, ele frequenta a mídia, está nas ruas e na internet, o senso comum refere-se a ele de modo simplificado e parcial. Mas é preciso examinar as condições de seu uso, a linguagem usada para falar da violência pode estar revestida de pressupostos ideológicos, além disso pode cair na armadilha das distinções e perdeu o sentido global, a autora Hannah Arendt afirma que, “A violência aparece onde o poder está em perigo. Por isso, a não violência não é o oposto da violência. A violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo.” (Arendt, 1985, p. 31).

Para Arendt (1985) o poder nasce do consenso e da ação coletiva, enquanto a violência é apenas um instrumento de coerção. A autora destaca que a violência consegue provocar medo, repressão e destruição, evidencia que um sistema baseado apenas na força pode até dominar temporariamente, porém não gera respeito, compreender que a violência não representa força verdadeira, mas é sinal de fragilidade das relações sociais e das estruturas de poder.

Essas características gerais do conceito de violência variam no tempo e no espaço, segundo os padrões culturais de cada grupo e de época, são ilustradas pelas dificuldades semânticas do conceito, deste modo compreender a violência exige reconhecer a sua dimensão histórica social e cultural, essa complexidade demonstra que a violência ultrapassa os atos de agressão, envolvendo também relações poder, exclusão social e negação de direitos fundamentais.

Ao longo da história, diversas práticas sociais foram naturalizadas e aceitas, mesmo causando sofrimento e opressão, em muitos períodos históricos, por exemplo, à escravidão, a desigualdade entre homens e mulheres, o trabalho infantil e os castigos físicos eram vistos como práticas normais dentro da organização social. Com o avanço dos direitos humanos e das discussões sociais, essas práticas passaram a ser reconhecidas como formas de violência e violação da dignidade humana, assim percebe-se que o conceito de violência acompanha as mudanças sociais, políticas e culturais da humanidade.

Desse modo compreender que a violência não representa a força verdadeira, mas sim o sinal de fragilidade das estruturas de poder, quando uma sociedade precisa recorrer constantemente a violência para manter a ordem, isso demonstra que há falhas profundas nas relações sociais, na justiça e na garantia de direitos. Assuma-se que “violência como última

opção para que a estrutura de poder seja mantida”, ou seja, a violência aparece como mecanismo de imposição para preservar uma determinada ordem social. (Arendt, 1985, p. 26). Nesta perspectiva, também se considera que:

A violência é uma ação que simplesmente não considera a outra pessoa, ou melhor, a considera como uma coisa, numa relação em que o outro não fala e se torna um objeto. Ela não precisa ser necessariamente de ordem física, também se manifesta em seu aspecto psicológico, ou simbólico, em suas formas sutis e quase imperceptíveis. (Souza, 2007, p. 47).

Essa citação, apresenta uma compreensão ampla do conceito de violência, mostrando que ela não se resume apenas a agressão física, por outro lado acontece sempre que, uma pessoa deixa de reconhecer a humanidade da outra, tratando-a como objeto sem voz sem direitos e sem dignidade, destacando que ela pode ocorrer de maneira psicológica, simbólica e estrutural (Souza, 2007 p. 47), mais do que um ato agressivo, a violência representa uma relação de respeito e humanização do outro, marcada pela exclusão e pelo silenciamento do direito fundamentais que cada indivíduo possui.

Na literatura brasileira aborda a violência como um problema estrutural e cotidiano, assim retrata cenários em que essa questão ocorre de forma bem visível, sobretudo enfatizando os ambientes periféricos e urbanos no Brasil. Autores como Rubem Fonseca em sua obra “Feliz ano novo” de (1975) , retrata a violência como um elemento estrutural, no decurso da narrativa ele descreve a violência urbana com um estilo realista; a autora Conceição Evaristo em sua obra “Olhos d’Água” de (2014), na qual apresenta a violência no contexto periférico e social, ressaltando que as classes mais vulneráveis sofrem esse tipo de problema.

[...] visão de literatura como objeto social, histórico e reflexivo e não como um produtor banal, incapaz de propor uma mudança de percepção sobre fatos ou de impulsionar uma leitura de um tempo e de um espaço específicos. Ao contrário [...] a arte literária tem um valor social, que ao leitor cabe revelar. (Porto, 2015, p. 199).

Desse modo, a literatura entendida como fenômeno social, teórico e reflexivo, capaz de fazer o leitor pensar criticamente sobre a realidade, desse modo alguns autores da literatura brasileira contemporânea apresentam a violência como um de seus temas centrais em suas obras, prima por proporcionar uma experiência única ao seu leitor, nesse sentido a literatura ajuda a compreender melhor a sociedade e a história, além de estimular reflexões sobre os problemas humanos e sociais.

Portanto, compreender os conceitos e as formas de violência é fundamental para analisar a crítica social presente na sociedade, assim algum tipo de violência ocorre quando a própria organização da sociedade impede que determinados grupos tenham acesso a direitos básicos,

como moradia digna, segurança, educação e lazer. Dessa forma, essa primeira seção abordou sobre a escrita evaristiana, desigualdade social e violência, apresentando conceitos e formas ao longo do trabalho, desenvolvendo as temáticas que foram mencionadas.

2.3 Escrevivência, memória e leitura crítica da desigualdade

A escrevivência, em Conceição Evaristo, não pode ser entendida apenas como uma categoria de estilo ou como um recurso de autoexpressão. Trata-se de um gesto estético, político e epistemológico que desloca o centro da enunciação literária, pois permite que sujeitos historicamente postos à margem assumam a condição de produtores de memória e de interpretação do mundo. Nesse sentido, escrever não significa apenas registrar vivências, mas reelaborá-las criticamente, transformando dor, precariedade, ancestralidade e resistência em linguagem literária. A desigualdade social, portanto, não aparece em sua obra apenas como tema, mas como condição histórica inscrita no corpo, na memória e na fala das personagens. Por essa razão, assume-se que:

[...] se um texto resulta na corrosão da identidade e da ideologia da formação de uma nação, seu caráter se torna político e sua prática literária passa a suprir uma consciência nacional muitas vezes faltosa ou inoperante. É por promover essa desarticulação na ideia de nação e inserir uma consciência coletiva e nacional ausente é que podemos afirmar que a concepção de escrevivência assume um papel além de estético, político, um manifesto de resistência, um silêncio transgressor, que faz da literatura uma escrita a serviço da noite, uma potência em contraposição à experiência que pode aprisionar em sua dinâmica de coerção e captura. (Cortês, 2016, p. 59).

Esse procedimento faz com que a literatura de Evaristo opere uma crítica profunda à tradição excludente do cânone brasileiro. Ao trazer para o primeiro plano mulheres negras, crianças periféricas, mães exaustas, trabalhadoras precárias e sujeitos vulnerabilizados pela violência, a autora reorganiza o campo de visibilidade da literatura nacional. A escrevivência, desse modo, rompe com representações estereotipadas e recusa o lugar do negro como mero objeto do discurso. Em vez disso, afirma uma voz autoral que interpreta a experiência negra a partir de dentro, vinculando forma literária, memória coletiva e denúncia social. Essa perspectiva amplia o alcance crítico da obra e explica por que a desigualdade, em seus textos, é sempre narrada como experiência concreta e historicamente situada.

A articulação entre escrevivência, memória e desigualdade permitem compreender que a obra de Conceição Evaristo se insere em uma tradição de resistência que questiona as bases raciais e classistas da sociedade brasileira. A memória, nesse contexto, não é mero retorno nostálgico ao passado, mas mecanismo de leitura crítica do presente. Ao recordar figuras

como a mãe preta, as mulheres negras silenciadas e as trajetórias marcadas por apagamento, a autora desmonta narrativas oficiais que naturalizaram subalternidade e exclusão. Assim, a literatura passa a funcionar como espaço de restituição simbólica, no qual sujeitos antes silenciados podem ser reinscritos na história com densidade, agência e complexidade.

Além disso, a abordagem da violência no interior da escrita evaristiana exige que se observe a continuidade entre opressão simbólica, desigualdade material e negação de direitos. Em Evaristo, a violência não se restringe ao evento extremo, ao golpe físico ou ao assassinato; ela está presente também nas formas lentas e reiteradas de desumanização, como a fome, a precariedade habitacional, a falta de acesso à educação e a invisibilidade social. Por essa razão, o capítulo dois pode ser lido como base conceitual do trabalho, pois mostra que desigualdade e violência não constituem dimensões paralelas, mas engrenagens articuladas de uma mesma ordem social excludente.

Essa leitura também reforça o papel da literatura afro-brasileira contemporânea como campo de elaboração crítica da experiência nacional. Ao inscrever a vida negra como fonte legítima de pensamento estético e político, Conceição Evaristo desloca a própria ideia de universalidade literária. O que se apresenta, à primeira vista, como experiência particular de mulheres, crianças e comunidades periféricas, revela-se, na verdade, uma chave decisiva para interpretar as contradições do Brasil. A escrevivência, assim, torna-se forma de conhecimento: ela produz leitura histórica, desnaturaliza hierarquias sociais e denuncia o modo seletivo como a sociedade distribui reconhecimento, cidadania e humanidade.

Desse modo, compreende-se que a escrita evaristiana opera simultaneamente em três planos: no plano da memória, ao recuperar vozes e trajetórias apagadas; no plano da denúncia, ao expor mecanismos de desigualdade e violência; e no plano da reconstrução simbólica, ao afirmar a dignidade de sujeitos historicamente subalternizados. Tal articulação permite compreender por que a obra de Conceição Evaristo ultrapassa o valor documental e alcança potência crítica singular, tornando-se referência indispensável para pensar literatura, raça, gênero, infância e justiça social no contexto brasileiro contemporâneo.

3 CONCEIÇÃO EVARISTO: literatura e denúncia social

A autora Conceição Evaristo desempenha, na atualidade, um papel fundamental na literatura brasileira, reverenciando suas ancestralidades como parceiras tanto pela condição feminina quanto por serem negras, seguindo de lutas e de dores, compartilhados nas personagens femininas atacadas pela representação simbólicas como no conto *Olhos d'Água*, onde retrata essas questões mencionadas.

A literatura como denúncia é uma das características de Conceição Evaristo relatando ao leitor as dificuldades os infortúnios, o descaso social, os obstáculos e os impasses dos moradores das favelas e becos, Evaristo evidencia as dificuldades enfrentadas diariamente por essas populações, a pobreza, a fome, violência e a falta de oportunidades, esses espaços aparecem em suas narrativas não apenas como cenários, mas como símbolos da exclusão social vivida por milhares de brasileiros.

Conceição Evaristo utiliza sua literatura como instrumento de denúncia social, ao evidenciar as experiências e os desafios enfrentados pela população mais pobres da sociedade brasileira, dessa forma a autora ressalta a importância de destacar os desafios na qual as pessoas menos favorecidas sofrem, e essas questões acontecem principalmente nos locais como menos acesso a oportunidades, dessa maneira ocorre o silenciamento nesses locais.

Assim, em suas obras Evaristo aborda as denúncias sociais, isso torna suas narrativas mais autênticas e emocionantes e aproximando o leitor da realidade retratada, em suas obras como *Olhos d'Água* (2014), *Becos da memória* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2003), a autora funciona como um instrumento de conscientização e crítica social, ao apresentar os obstáculos e impasses vividos pelos moradores das favelas, ela rompe o silêncio imposto às classes marginalizadas, e dá voz àqueles que historicamente foram invisibilizados pela sociedade e pela própria literatura brasileira.

Dessa forma Conceição, utiliza sua escrita através da literatura para ressaltar as impunidades como forma de denúncia social, evidenciando as questões de pobreza e violência que ocorrem nos locais menos favorecidos da sociedade. Nesta senda, admite-se ainda que a literatura evaristiana não apenas retrata a realidade, mas também provoca reflexão crítica nos leitores contribuindo para o debate sobre igualdade, direitos inclusão social no Brasil, uma vez que seus “focos principais incidem sobre a violência da mulher negra e pobre, com as sombras e os ecos da escravidão pairando sobre o presente” (Coser, 2016, p. 23), tal acontece no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”.

3.1 Biografia e trajetória literária de Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito, é uma das escritoras mais influentes do cenário atual da literatura brasileira. Nasceu em Belo Horizonte no dia 9 de novembro de 1946, cresceu em uma comunidade chamada Pindura saia (na qual hoje não existe mais), sua família era muito pobre e numerosa, contava com nove filhos, sendo ela a segunda irmã mais velha, sua família é afro-brasileira de ascendência angolana, beninense, nigeriana, norte-africana e indígena.

Sua mãe, Joana Josefina Evaristo, sempre cuidou muito da escolarização da filha e de fato colecionava cadernos dos seus próprios escritos, para que os filhos pudessem ler e incentivar o estudo. A escritora sempre descreve as boas lembranças que tem da comunidade e admite que, com o tempo, a vida nas favelas brasileiras mudou bastante.

A autora fala sobre a profissão de sua família, mãe lavadeira, e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos, cozinhar, arrumar, passar, aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência as crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos, além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas.

Foi no Pindura Saia, por exemplo, que conheci a congada, através dos grupos que lá existiam. Tem toda aquela imagem da alegria, da vida comunitária, mas também tem a imagem da pobreza, que não dá para esquecer. Ao mesmo tempo, tinham as festas juninas, as festas da Senhora do Rosário, os campeonatos de futebol amador, as brincadeiras de criança. Isso mudou muito ao longo dos últimos 30 anos. (Evaristo, 2006)

Conceição relata sobre sua infância na favela onde cresceu, em Pindura, onde ela descreve as precariedades que enfrentavam, Conceição teve que sair da comunidade, onde vivia, para estudar e, ao mesmo tempo, trabalhar como empregada doméstica para conseguir concluir os estudos aos 25 anos, em 1971. Mudou-se em 1973, para o Rio de Janeiro, após ter vencido o concurso para Magistério, profissão que exerceu por quase 40 anos, até 2006. Estudou na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e se formou em 1990, e naquele ano, publicou o seu primeiro texto funcional em Cadernos Negros.

Ao construir, em uma narrativa, uma doméstica, por exemplo, a autora se autoconstrói, constrói sua mãe, sua irmã, pessoas que fazem parte do seu convívio. Desse modo, ela atribui ao seu texto o estatuto da escrevivência, o compromisso entranhado de compreensão da literatura pelos gestos da vida. (Marques Cardoso, 2018, p. 7).

Ao escrever personagens do cotidiano, Conceição Evaristo não apenas produz uma figura ficcional, mas também projeta em sua escrita aspecto de sua própria trajetória e das experiências das pessoas que fazem parte do seu convívio, como sua mãe e irmã e outras mulheres de sua comunidade, essa perspectiva está diretamente relacionada ao conceito de *escrevivência*, desenvolvido por Conceição, segundo o qual a escrita nasce das vivências e memórias de quem escreve, dessa forma, a literatura torna-se um espaço de representação da realidade em que as experiências individuais e coletivas são transformadas em narrativa.

Em 2003, Conceição Evaristo publica seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, obra traduzida para o inglês e para o francês, seguindo-se a ele outro romance *Becos da memória* (2006), uma coleção de poemas, e três volumes de contos, logo após publicou uma coletânea de contos, *Insubmissas lágrimas de mulher* (2011). Em 2015, recebeu o prestigioso prêmio o Jabuti na categoria contos e crônicas pelo livro *Olhos d'Água* (2014). A partir da análise dos caminhos editoriais percorrido por Conceição Evaristo, as dificuldades enfrentadas pela autora para publicar sua obra, a de respeito da importante posição ocupada por ela no campo intelectual negro.

Escritora atuante, ativista do movimento negro, tem sido presença constante em encontros literários e acadêmicos desde o início de sua carreira literária onde apresenta e discute não só sua obra criativa, como também seu trabalho de pesquisadora, é possível dizer que a trajetória de Conceição Evaristo acompanha em linhas gerais, as mudanças observadas no movimento negro contemporâneo, onde a autora luta contra a exclusão, valorização da identidade negra, da produção intelectual afro-brasileira e da conquista de maior visibilidade nos espaços acadêmicos e culturais. Assim, a trajetória de Conceição foi marcada por luta, desafios, preconceitos, pobreza e muita resiliência para chegar a ser uma das mais referentes escritoras renomadas da literatura contemporânea no Brasil, trazendo consigo suas origens, raízes e crenças, sua escrita é baseada em sua própria história e suas vivências cotidianas.

3.2 A denúncia social e a representação das minorias na obra *Olhos D'Água*

A obra *Olhos d'Água* é um conjunto de contos escrito por Conceição Evaristo e publicado em 2014 no Brasil; em 2023, a coletânea foi também traduzida e publicada na Itália, como em todas as obras a autora utiliza a “*escrevivência*” narrando breves contos quase todos ambientados nos morros, e esse conceito também remete a sua própria história de vida, sua infância, família, ancestralidade e raízes.

As protagonistas são quase todas mulheres de diferentes idades, porém não faltam personagens masculinos com forte ligação com uma figura feminina. *Olhos d'Água* narra e critica fortemente o sistema social brasileiro que por muitas vezes impede as crianças de terem uma juventude e adolescência adequada, focando em problemáticas com o narcotráfico que muitas vezes, engole futuro de muitos meninos ao cair nas redes de organização criminosas e na prostituição infantil.

Conceição representa as figuras femininas nos contos da obra, entre mães, filhas e avós, a autora apresenta Ana Davenga, Dudu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida e Maria e outras mulheres. Todas acometidas pela dor e vulnerabilidade, postas nesse mundo sofrido e obrigadas a celebrarem a vida, mesmo diante das violências, mortes e reveses, e apesar das problemáticas e dificuldades encontradas no crescimento tem muita vontade e força de viver.

Na introdução da obra, Conceição abre com a imagem de uma menina que acorda durante uma noite se pergunta com um tom bem acusativo de que a cor são os olhos de sua mãe, trabalham em brigas juntas e compartilham um cotidiano de casa, a protagonista lembra tudo o que viveu com a mãe, tudo menos a cor de seus olhos. A partir daí narradora a primeira de sete filhas, resgata a própria história, relembra a infância, mãe, além de mencionar também as lembranças que a mantinha da própria infância.

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignoravam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências a Senhora. Estávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado..., mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (Evaristo, 2014, p.16-17).

A narradora recorda a infância de sua mãe e ao mesmo tempo, interliga essas lembranças com as de sua própria infância, a busca pela cor dos olhos de sua mãe revela um passado tristonho marcado pela fome resistência e desigualdade, mas também aponta através da ludicidade infantil detalhes de suas vivências permeadas pelo encantamento dos problemas diários, a rainha era mulher periférica que vivia como podia, sem saber da certeza do amanhã e dedicava seus dias ao sustento das filhas, mas quando não tinha algo inventava uma brincadeira,

uma história imaginada para enfeitar os dias em enclausurastes, e ludibriar as dores e o choro e com sorrisos molhados cheios de esperança.

Conceição produziu os contos de *Olhos d'Água* como forma de denúncia social representadas na maioria mulheres, negras, mães solas, periféricas, pobres e de classe social baixa, constituem-se personagens para além do campo ficcional, pois manifestam em suas conjunturas sociais a composição classista do público feminino que vive nas periferias brasileiras e constituem-se oprimidos e marginalizados, sobretudo exploradas pelas camadas abastadas da sociedade, essas questões citadas são abordadas nos contos da obra.

No entanto, violência soma em contexto de vulnerabilidade social, causando ainda mais precarização da vida humana, nessa conjuntura, tapas, ameaça, violentação, feminicídio. Observamos claramente essas questões nos contos “Ana Davenga” e “Duzu-Querença”, onde Ana é esposa de um criminoso muito perigoso na qual faz parte de uma facção, Ana é uma mulher que é submissa ao marido e ao mesmo tempo faz todos os seus gostos, no passado ele cometeu um assassinato contra uma mulher chamada maria agonia, pois ela não quis namorar com Davenga por conta do seu histórico de vida.

O homem morava sozinho. Ali aramava e confabulava com os outros as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local de quartel-general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais outra coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. (Evaristo, 2014, p.22).

Evaristo evidencia nesse contexto, a realidade de uma mulher que mora no subsídio brasileiro sufocada pelas desigualdades sociais e raciais, que delimitam sua escolaridade, emprego informal ou desemprego, violência, submissão masculina, o medo em não poder sustentar. Conceição traz à tona, a situação de muitas mulheres que vivem em comunidades, que são parceira de criminosos e acabam vivendo com seus filhos, observamos, uma situação social gravíssima, a autora de olhos d'água traz situações que deixam o leitor bastante reflexivos.

No conto “Duzu-Querença”, retrata a vida de uma mulher que sai de sua cidade para ir em busca de uma vida melhor com seus pais ainda criança, ela começou a trabalhar em um local de prostituição limpando os quartos, onde a dona era conhecida por esmeraldina, Duzu começa a se prostituir ainda criança. Quando adulta mesmo trabalhando nesse local tem nove filhos, nesse contexto vemos que Conceição Evaristo Faz uma crítica social aguda de um assunto muito

preocupante, que a exploração sexual infantil, essa mulher que sofreu a vida inteira, a situação de pobreza, com questões vinculadas aos abusos pelos quais ela passou.

No final do conto, Duzu tem a esperança de que sua neta Querença tenha um futuro diferente do seu e de seus filhos e demais netos, pois querença é uma menina muito dedicado aos estudos que ensina outras crianças da comunidade, ao contrário de seu neto Tático que morre aos treze anos por uma facção rival. O conto “Maria” tem aspectos parecidos com o conto de Duzu, pois Maria morre dentro de um ônibus, após ser lixada por acharem que ela teria participado de um assalto que correu nesse mesmo ônibus. Evaristo deixa evidente a preocupação com o setor da educação para que o ritmo, o ciclo da miséria, criminalidade e da pobreza seja quebrado.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei por quê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz, que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. [...] Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha! ...Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria (Evaristo, 2014, p.41-42).

Conceição Evaristo também aborda no conto “Maria”, enquanto mulher negra Maria é duplamente discriminada, atributos que somados ao fator da classe social, sendo empregada doméstica que muitas vezes só tinha o básico, contribuem, na narrativa, para a construção de um cenário injusto e truculento, fazendo com que o leitor não queira acreditar em tamanha crueldade, por outro lado revela que todos os acontecimentos narrados são passíveis de acontecerem e, sabemos, acontecem diariamente. dessa forma a autora deixa claro como denúncia social os acontecimentos que ocorrem no conto.

No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a personagem engravida quatro vezes, os três primeiros ela não quis e somente o último que foi de um abuso sexual, na qual esse foi o único que ela chamou de seu, a autora narra sentimentos e sensibilidade de uma mulher no momento da gravidez, vergonha e o ódio nos períodos de gestação. Já no conto “Luamanda”, a personagem quando jovem teve vários relacionamentos e quando fica mais velha ainda quer ser feliz. No conto “Cooper de Cida” mostra que ela está sempre correndo contra o tempo,

trabalhando indo em busca de uma vida melhor, certo dia decide que não vai trabalhar vai tirar o dia para descansar.

A perspectiva em que as histórias são narradas faz toda a diferença no coração e na cabeça dos leitores, irremediavelmente envolvidos que leem. Em cada conto, o enredo começa como que de repente: constrói-se aos poucos, descolando-se de pequenos nada, de gestos cotidianos, de sensações imprecisas. “Coisas nenhuma” que nas mãos da escritora e na voz da narradora fazem toda a diferença. E o leitor não larga a leitura, embora às vezes possa alongar o olhar do livro, para suas próprias lembranças. (Lajolo, 2016, s/p).

A autora destaca que a perspectiva da narração influencia profundamente sentimentos e os pensamentos dos leitores dependendo de quem narrar de como os acontecimentos são apresentados, nas obras de Conceição Evaristo as histórias são baseadas no neologismo que criou “escrevivência”, ou seja, condições experiências e vivências enfrentadas por ela que marcaram e demarcaram a consciência de sua escrita.

3.3 A infância e a marginalização social em Conceição Evaristo

Na literatura produzida pela autora Conceição Evaristo, a infância foi abordada em contextos distintos em suas obras, analisando o ponto de vista infante juvenil que vive nos âmbitos periféricos, nas ruas e vivendo em extrema pobreza e precisam lutar em meio a fome e a ausência da família, nesse sentido a infância deixa de ser um período protegido e passa a ser marcado pela necessidade de sobrevivência.

Outro aspecto importante é a maneira como a autora concede a voz das crianças e adolescentes, mesmo diante da opressão esses personagens não são retratados apenas como vítimas passivas, eles demonstram sensibilidade capacidade de observação, resistência e esperança. seus sonhos e transformação, o desejo de escapar da realidade adversa e a busca por dignidade constituem formas de enfrentamento das condições que lhe são impostas, assim a infância torna-se um espaço de resistência e de construção de subjetividades.

Na obra *Olhos d'Água*, a marginalização social é retratada através dos contos, a personagem Duzu-Querença é uma personagem na qual representa essa questão, Duzu experimentam o cotidiano de resistência, isto é, uma existência inteira desde o seu nascimento até a sua morte, baseada no esforço em manter se viva. Estando situado em um contexto marcado pela pobreza pela violência pelo racismo e estado e sobretudo pela morte, ela encontra pouquíssimos meios de ir além da sobrevivência.

A preocupação de Duzu era que seus filhos e netos não entrassem no mundo do crime, de todos os netos, a protagonista destaca maior afeto por três - Angélico, Tático e Querença.

Mas seu neto Angélico se vinculou ao mundo do crime assim como seu pai, essa escolha fez com que perdesse sua vida com treze anos. Evaristo deixa claro na narrativa que a marginalização social estava presente na vida de Angélico desde cedo, assim como seu pai, também teve um destino triste.

Tático, por sua vez, “não queria ser nada”, com apenas treze anos de idade, ainda conservava nos modos e na fala, certo aspecto pueril. Duzu tinha por ele, assim como tinha por Angélico e Querença, grande carinho e adoração. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava, pedia a benção. Ela sabia, porém, que ele possuía uma arma e que a vermelho-sangue já se derramava em sua vida. (Evaristo, 2014, p. 34).

Ao afirmar que ele “não queria ser nada”, a narradora sugere um jovem sem perspectivas de futuro ou projeto de vida definidos, situação que pode ser interpretada como reflexo da exclusão social e da falta de oportunidades presentes no ambiente em que vivem, quando se refere “a vermelho sangue” o vermelho remete ao sangue, a violência, ao sofrimento e a morte. Ao utilizar essa imagem poética Conceição Evaristo sugere que, o destino de Tático já estava marcado pela presença constante da violência, antes mesmo de sua morte efetiva, o contexto de marginalidade do morro na qual vivia Tático, bem como a presença da arma em sua posse associados à menção de um grupo inimigo como responsável por sua morte, sugerem que ele era parte de alguma gangue ou facção criminosa, comumente encontradas em regiões de favela e bairros pobres da periferia urbana do país.

Na mesma obra, *Olhos d'Água*, temos o conto “Di Lixão” que a narrativa gira em torno da história de Di Lixão, um menino de rua que em uma manhã é acometido por uma forte dor de dente causada por um pequeno tumor que há semanas aparecera em sua boca, enquanto suas últimas forças são ceifadas pela dor latejante, o menino rememora pessoas e acontecimentos que permearam sua breve vida. Entre medos e abandonos as dolorosas lembranças Di Lixão, unidas às dores físicas, culminavam em sua morte precoce, Di Lixão, assim como dezenas de crianças brasileiras na mesma condição, antes de viver vagando pelas ruas, morava com sua mãe um barraco na favela, apesar de não lhe depositar maiores cuidados.

Diante disso, Conceição mostra a marginalização social na infância de forma crua e dolorosa por meio da trajetória de um menino de quinze anos que saiu de casa e foi morar nas ruas, sua mãe prostituta que não tinha amor a sua existência, inspirada nos fatos da vida dos marginalizados e suas experiências diárias a autora desnuda, em sua obra, situações muitas vezes silenciadas ou ignoradas pela sociedade, em “Di Lixão”, Conceição traz à baila e triste realidade de crianças em situação de rua ainda tão presente no cotidiano brasileiro contemporâneo.

Espaço” e “Lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. [...] O lugar é segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. (Tuan, 2013, p. 11).

O autor traz exatamente o significado de casa ou lar, na qual o indivíduo se sente seguro e produz memórias afetivas, já Conceição evidencia que as pessoas socialmente marginalizadas o lugar não é necessariamente um refúgio seguro, pois no conto “Di Lixão”, o personagem mora nas ruas, ou seja, o conto mostra que o menino permanece ligado a esse espaço não por escolha, mas por falta de ter tido um lar de verdade e uma estrutura familiar. Assim Evaristo traz essas denúncias em suas obras, de questões que acontecem em nossa sociedade com frequência.

O conto “Lumbiá” também de *Olhos d’Água*, narra a história de um menino que vende chiclete nas ruas com sua irmã, pois sua família não tem condições financeiras e ele auxilia na renda de sua casa, certo dia ele entra em uma determinada loja para ver um presépio, ele é fascinado em um presépio, na sua visão retrata a sua família. Na qual ele enxerga a pobreza de sua família naquele objeto, em seguida ele pega o presépio é perseguido pelo segurança da loja na qual é atropelado e morre.

Lá estava o deus-menino de braços abertos. Nu, pobre, vazio e friorento como ele. Nem as luzes da loja, nem as falsas estrelas conseguiam esconder a sua pobreza e solidão. Lumbiá olhava. De braços abertos, o deus-menino peia por ele. Erê queria sair dali. Estava nu, sentia frio. Lumbiá tocou na imagem, à sua semelhança. Deus-menino, deus-menino! Tomou-a rapidamente em seus braços. Chorava e ria. Era seu. Saiu da loja levando o deus-menino. O segurança voltou. Tentou agarrar Lumbiá. O menino escorregou ágil, pulando na rua. O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus menino, Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu! (Evaristo, 2019, p. 85-86).

A imagem da pobreza comoveu o menino ao se conectar com sua realidade, e sua dor, foi a vivência de pobreza observada na imagem religiosa, havia vivenciado os males da desigualdade da fome da violência e da tristeza. Todos os dias acordava cedo para começar o serviço nas ruas vendendo objetos e pequenos alimentos para suprir as necessidades da família, a infância desde o princípio foi confundida com o mundo adulto e suas responsabilidades e, assim, a ludicidade das brincadeiras deram espaço a busca pelo dinheiro e, sobretudo, tentativa diária de sobrevivência.

Entretanto este capítulo abordou sobre a biografia e trajetória de Conceição Evaristo, seu início na literatura brasileira e suas raízes familiar, as lutas que autora enfrentou para se tornar uma das maiores representantes femininas na literatura contemporânea. Sua escrita como forma de denúncia social representada em suas obras, na qual descreve as pessoas das classes menores do país, a representação da infância nas favelas submetidas a pobreza, a fome e a marginalização dos contos de *Olhos d’Água*.

3.4 A infância periférica e humanização como crítica social

A infância, na obra de Conceição Evaristo, constitui uma categoria decisiva de leitura social. Longe de aparecer como fase naturalmente protegida, homogênea ou universal, ela surge marcada por diferenças profundas de classe, raça, território e acesso a direitos. Em *Olhos d'Água*, muitas crianças vivem submetidas à fome, à violência cotidiana, ao trabalho precoce, à perda de familiares e à precariedade material. Isso significa que a infância, em contextos periféricos, é atravessada desde cedo por experiências que comprimem o tempo do brincar e antecipam responsabilidades, medo e sofrimento, pois “lá estava o deus-menino de braços abertos. Nu, pobre, vazio e friorento como ele.” (Evaristo, 2014, p. 85).

Ao aproximar Lumbiá da imagem do deus-menino, Evaristo produz uma crítica contundente à naturalização da infância desamparada. A identificação entre a criança pobre e a imagem sagrada subverte hierarquias de valor e mostra que a precariedade infantil, longe de ser banal, exige reconhecimento ético e social. A citação reforça que a infância periférica é categoria crítica justamente porque torna visível a violência de uma sociedade que permite que crianças sejam lançadas precocemente à fome, ao trabalho e à morte.

Essa perspectiva se torna especialmente importante porque impede leituras sentimentalizadas ou superficiais das personagens infantis. As crianças de Evaristo não aparecem apenas para sensibilizar o leitor; elas revelam, de modo contundente, o grau de violência de uma ordem social que produz vulnerabilidade desde os primeiros anos de vida. Quando a infância se vê atravessada por fome, medo ou morte, não se trata apenas de tragédia privada, mas de sintoma histórico.

Além disso, a presença de crianças em *Olhos d'Água* intensifica a dimensão ética da narrativa porque explicita a seletividade da proteção social. Há infâncias socialmente reconhecidas como preciosas e dignas de resguardo, e há infâncias expostas à negligência, ao risco e ao descarte. Evaristo evidencia essa hierarquia ao construir personagens cuja vulnerabilidade não decorre de falha individual, mas do lugar social a que foram historicamente relegadas. A desigualdade, assim, manifesta-se também na administração da infância: algumas crianças recebem escola, lazer, estabilidade e expectativa de futuro; outras são lançadas prematuramente ao circuito da sobrevivência.

Ampliando a leitura do capítulo, pode-se afirmar que a representação da infância periférica em Conceição Evaristo não cumpre apenas função temática, mas estrutural. Ela organiza a sensibilidade do texto, determina o modo como o leitor percebe o espaço social e explicita a violência silenciosa das desigualdades persistentes. A infância, quando aparece

interrompida, precarizada ou roubada, torna-se uma forma de nomear aquilo que a sociedade brasileira ainda não conseguiu enfrentar: a distribuição desigual do futuro.

A coletânea *Olhos d'Água* ocupa lugar central na obra de Conceição Evaristo porque reúne narrativas em que a denúncia social não se separa da elaboração estética. Cada conto, ao mesmo tempo em que evidencia situações de fome, abandono, violência e desigualdade, recusa transformar suas personagens em tipos fixos ou em figuras planas da miséria. Há, na escrita de Evaristo, um movimento constante de humanização: as personagens sentem, desejam, lembram, sonham, hesitam, amam e sofrem. Essa complexidade impede que a pobreza seja reduzida a estatística ou ilustração moral, convertendo-a em experiência narrada a partir de sujeitos singulares, “eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.” (Evaristo, 2014, p. 17).

Essa passagem explicita um dos traços mais potentes da humanização promovida pela autora: a fome não aparece apenas como dado material, mas como experiência afetiva atravessada por cuidado, invenção e dor. A mãe que transforma carência em brincadeira não apaga a violência da pobreza, mas resiste a ela por meio do afeto. É justamente essa sobreposição entre precariedade e humanidade que confere densidade ética à crítica social de *Olhos d'Água*.

Esse processo de humanização é particularmente relevante quando se observam as personagens femininas da coletânea. Mães, avós, jovens, trabalhadoras e meninas aparecem atravessadas por opressões múltiplas, mas não são definidas apenas pelo sofrimento. Em muitos contos, a dor convive com afeto, imaginação, erotismo, memória, dignidade e desejo de continuidade. Ao construir essas figuras com densidade subjetiva, Evaristo questiona duplamente a ordem social: por um lado, denuncia as condições concretas de opressão; por outro, confronta os discursos que historicamente reduziram mulheres negras a estereótipos.

Também é importante notar que a coletânea organiza um campo de vozes em que o cotidiano periférico se torna matéria literária de alta potência crítica. Becos, barracos, ônibus, ruas, quartos precários e espaços de trabalho não funcionam apenas como cenários, mas como condensações materiais da desigualdade. Nesses espaços, as relações sociais se mostram tensionadas por raça, classe, gênero e violência institucional. A literatura de Evaristo, nesse sentido, transforma o espaço em signo político: o lugar onde a personagem vive determina não apenas suas condições materiais, mas as formas pelas quais é vista, protegida ou exposta ao risco.

Ao mesmo tempo, a coletânea produz uma crítica contundente ao modo como a sociedade brasileira administra a visibilidade da dor. Há violências que, quando atingem sujeitos

periféricos e negros, parecem receber tratamento naturalizado, como se fossem consequência inevitável do meio. Evaristo rompe com essa naturalização ao narrar vidas concretas, afetos interrompidos e trajetórias marcadas por perdas evitáveis. Em vez de permitir que a pobreza e a morte se dissolvam em abstrações, a autora devolve nome, corpo, voz e memória a quem foi transformado em categoria anônima de exclusão.

4 DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA: uma leitura de “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”

A compreensão acerca da literatura, segundo Esmeralda Ribeiro, é um instrumento de resistência, conscientização e transformação social revela que, para a autora, ela não é apenas uma forma de expressão artística, mas também um meio de luta política e cultura. A literatura registra suas experiências, memórias e trajetórias de um povo, revelando sua realidade histórica, além disso, enfatiza a importância de dar voz aos grupos marginalizados mostrando a realidade nas periferias, assim afirmado em:

Com este processo de transformação, nós que estamos comprometidos com a literatura – que além de revelar o momento histórico de um povo, tem o ato de resistência – temos de arregaçar as mangas e ir à luta pelo que se tem em mente, através do trabalho artesanal com as palavras que transmitem ao leitor toda mensagem de forma compreensiva. Dentro desse comprometimento não poderíamos deixar de falar dos Cadernos Negros, grandes precursores desta batalha, que já estão com seis anos de existência, fazendo com que a gente entre de cabeça nessa luta e em outras a longo prazo. (Ribeiro, 1985, p.29).

Assim, a partir da visão de Ribeiro (1985), a literatura é uma ferramenta de resistência e transformação social, ao dar visibilidade as experiências e realidades das populações periféricas. A autora ainda destaca a importância de Cadernos Negros de 1978, que utilizam a escrita como forma de resistência e afirmação identitária, ao mesmo tempo em que questiona até que ponto o engajamento político-cultural pode produzir mudanças concretas na sociedade, assim a literatura é uma ferramenta de resistência e emancipação, capaz de preservar a memória coletiva, afirmar identidades e impulsionar a luta por transformações sociais. Neste sentido, a “nossa literatura também dará uma compreensão da nossa situação no Brasil. Nossa literatura nos faz refletir que as situações estão interligadas, por meio de romance, conto ou poema. A poesia toca no coração de todas as pessoas.” (Ribeiro, 1985, p. 278).

Ribeiro defende que, a literatura é uma ferramenta de conscientização e reflexão capaz de revelar a condição da população no Brasil e de sensibilizar os leitores, para a luta por igualdade e justiça social. Quando ela cita que “as situações estão interligadas”, quer mostrar que os problemas sociais não acontecem isoladamente, a questão como exclusão social a falta de oportunidade está conectado e pode ser entendido por meio da literatura. Dessa forma a autora enfatiza que ao escrever romances, contos e poemas, é um ato de afirmação de identidade e de denúncias da desigualdade que ocorrem na sociedade.

Nessa perspectiva, observamos que Esmeralda Ribeiro, assim como Conceição Evaristo, suas escritas são baseadas em suas vivências, na qual enfatiza a importância de recontar sua

própria história através da literatura. Ribeiro (2022), defende que a escrita afro-brasileira permite que as mulheres negras tenham voz própria, assume o próprio protagonismo de suas histórias, e construam narrativas mais autênticas, assim também como Evaristo que utiliza o conceito ‘escrevivência’ em suas obras, em *Olhos d’Água* (2014), esse conceito é empregado nos 15 contos da obra, baseado nas vivências do cotidiano.

Dessa forma a literatura constitui um importante instrumento de reflexões sobre as condições sociais e históricas que atravessam a vida dos indivíduos, ao representar experiências marcadas pela exclusão, pobreza e violência, os textos literários possibilitam uma compreensão crítica das estruturas que produzem e mantêm as desigualdades sociais. A partir disso, Conceição Evaristo (2014), evidencia essas questões em sua obra *Olhos d’água*, através dos contos, que narra as histórias de pessoas que moram em favelas e morros, onde a desigualdade social é um dos maiores problemas que ocorrem nessas comunidades.

Eu me lembro que a gente ia às comunidades... Não gosto desse termo, que eu acho que você muda o termo, mas a realidade é a mesma, né? A gente ia às Para as favelas, ia aos morros, ia aos presídios, fazer recital nos presídios. Fora outros lugares também, biblioteca pública, a gente se encontrava no [IPCN]... E era interessante porque, justamente, você lidava com uma poesia que era uma poesia também do cotidiano, das suas coisas, das suas causas, era uma poesia que trazia também uma marca desse discurso nosso, desse discurso negro, desse discurso de... emancipação. E foi um momento muito fértil, tanto criação em si, quanto como militância. Realmente a gente... acreditava. (Evaristo, 2010 *apud* Machado, 2014, p. 253).

Nesse sentido, observamos que Conceição sempre acompanhou as mudanças e problemas que ocorrem na favela, a autora destaca que a poesia produzida naquele contexto, falava das experiências concretas das pessoas, suas vivências dificuldades, lutas e reivindicações. No entanto era uma literatura conectada à realidade social, na qual era produzida e compartilhada em espaços populares, abordava as experiências do cotidiano da população periférica, e funcionava como um instrumento de afirmação identitárias, resistência a luta por emancipação social, assim Evaristo em suas obras tem dado espaço para relatar as questões de desigualdades que acontecem em nosso país.

Nesse contexto, o conto “Zaita Esqueceu de guardar os brinquedos” da obra *Olhos d’Água*, de Conceição, apresenta um retrato sensível da realidade vivida por crianças e famílias em espaço marcado pela vulnerabilidade social, a narrativa não se limita à descrição da pobreza material, mas evidencia as consequências humanas e emocionais produzidas pela desigualdade. Onde a personagem Zaita simboliza ainda a inocência infantil em meio a um ambiente de insegurança e exclusão, a perda da infância provocada pelas condições adversas do meio em

que vive, evidência como a desigualdade social afeta diretamente o desenvolvimento das crianças das camadas populares.

O conto Zaita esqueceu de guardar os brinquedos da obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, narra a história de Zaita e sua irmã gêmea Naita que vivia com sua mãe e seus dois irmãos, na qual autora ambienta a narrativa em uma favela brasileira genérica. o conto se inicia em Zaita procurando uma figurinha que havia perdido em meio aos poucos brinquedos que possuía, ao longo da narrativa Conceição descreve a pobreza, violência e desigualdade social que ocorre naquele local. Tiroteios e balas perdidas que acontecem frequentemente, no final do conto Zaita perde a vida justamente por um tiroteio. (Evaristo, 2014)

No entanto, o aspecto vinculado a universal infantil, o que parece se desenvolver em relação às questões do dia a dia, típicas de crianças que brincam e que deixam a bagunça na casa onde residem, vai dando espaço a outros universos secundários. Universo, esses, relacionados ao cansaço da mãe, vem às preocupações à sobrevivência da família naquele espaço de pobreza e aos pensamentos lamuriosos de uma mãe que não sabe como mudar tal situação. Esses elementos por serem secundários, pedem corporalidade, ainda que se apresentem como índices temáticos resgatador no desenrolar da trama, enquanto justificava para o destino das personagens infantis Zaíta e Naíta.

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo era envolvido na criminalidade. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento. Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. No dia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro. (Evaristo, 2014, p. 45).

Diante disso, as crianças acabam se tornando vulneráveis, um grupo social, tornando seu modo de vida como favelados, sem direito a infância, a saúde, a educação tornando assim vulneráveis e frágeis, a mãe precisava trabalhar o dia todo, deixando assim as crianças mais suscetíveis à violência. Na qual a violência pode se manifestar de duas formas; a criança pode ser morta nos lugares onde mora ou pode, ainda praticar delitos. Zaita viveu uma infância pobre e difícil, mas gostava muito de seus brinquedos e de suas figurinhas flor, a cena acima retrata a condição em que sua mãe vive, ou seja, classes de pobres subalterno ao meio social,

marginalizada por não terem a oportunidade como os demais, nesse sentido a literatura nos impulsiona a refletir através da escrita literária de Evaristo vi trazendo a realidade vivida pelas pessoas silenciadas e por muitas das vezes esquecidas.

Queria, pois, arrumar vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. Desde pequeno ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando. (Evaristo, 2014, p.46).

A narrativa descreve que o irmão mais velho de Zaíta desejava uma vida diferente da do irmão mais novo, que havia entrado para o crime. Desde criança ele trabalhava para ajudar a mãe, desse modo, o enredo direcionar uma atenção especial às personagens infantis Zaíta e Naíta e as suas a genuinidade, em meio a um contexto marcado pela violência e pela desigualdade social. Os frequentes tiroteios entre policiais e traficantes causam preocupação aos moradores, Conceição enfatiza nesse conto, a desigualdade social ao mostrar aqui, enquanto alguns personagens precisavam trabalhar nas ruas desde cedo, crianças que levavam uma vida normal estava na escola.

Desta forma, o conto reflete sobre as questões de desigualdades presentes na sociedade, com enfoque nos âmbitos marginalizados, como as favelas uma vez que a violência presente dentro deste ambiente gera um impacto negativo, no que diz respeito principalmente, as vivências infantis. Podemos perceber essa questão a literatura de Evaristo, o serem trazidas à tona a precoce interrupção da vida pelas relações caótica entre policiais e bandidos, assim, notamos que nas favelas, as pessoas negras, constantemente, têm suas vidas interrompidas, devido ao contato com a violência escancarada, como no caso da personagem Zaíta, a qual foi marcada pela interrupção forçada pelas barbáries apostas em seu caminho, é varejo descreve em detalhes como aconteceu.

Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, no chão. (Evaristo, 2014, p.48).

O conto da escreve que Zaita saiu de casa para procurar sua figurinha que ela havia pedido, a menina saiu sem direção em meio a favela, sua irmã Maita saiu a sua procura. Enquanto Zaita procura apenas sua figurinha-flor, símbolo da infância, da Inocência das

brincadeiras, ao seu redor ocorre um intenso confronto armado entre policiais e traficantes, outro aspecto importante que a autora cita para que tanto uma criança quanto um dos homens armados tentam proteger a saída, fazendo sinais para que ela se abrigue. A morte da menina deixa de ser um caso isolado, e passa a representar tantas outras vidas perdidas, em consequência da desigualdade social, da violência e da ausência de proteção do estado, assim, Conceição Evaristo denuncia que, nas comunidades periféricas, a infância é constantemente interrompida pela violência, transformando crianças inocência em vítimas de conflitos que não lhes pertencem.

Sendo assim, Conceição Evaristo (2014), retrata uma comunidade periférica marcada pela ausência de políticas públicas, pela pobreza e pelos constantes confrontos entre policiais e traficantes, nesse cenário a infância deixa de ser um período de proteção, e desenvolvimento para tornar-se uma experiência atravessada pelo medo, pela responsabilidade precoce e pela perda da inocência. Assim, a narrativa evidencia que a violência não se limita aos confrontos armados, mas também se manifesta na exclusão social, enquanto algumas crianças têm acesso à escola, ao lazer e à segurança, outras precisam trabalhar desde cedo ou convive diariamente com o risco da morte. Essa desigualdade revela que as oportunidades não são distribuídas de forma igualitária, comprometendo o futuro das personagens. O irmão mais velho de Zaíta, por exemplo, representa a tentativa de romper com o ciclo da violência por meio do trabalho, ao contrário do irmão mais novo que é atraído pela criminalidade como consequência das condições sociais em que vivem. (Evaristo, 2014, p.46).

4.1 A vida na favela e a infância

A respeito da vida na favela, segundo Jessé Souza, ressalta que é definida como uma classe estruturalmente desfavorecida, cujos enfrentam desafios como baixa escolaridade, falta de acesso a serviço básicos e ausência de oportunidades de desenvolvimento. Na qual essas questões contribuem para a sua marginalização e exclusão, dificultando a articulação de suas experiências e a busca por melhores condições de vida. Na obra *Ralé Brasileira, Quem é e Como Vive*, Jessé de Souza aborda de forma profunda e crítica a realidade da ralé brasileira, uma parcela da população em situação de extrema pobreza e exclusão social.

É essa classe social que designamos neste livro de “ralé” estrutural, não para “ofender” essas pessoas já tão sofridas e humilhadas, mas para chamar a atenção, provocativamente, para nosso maior conflito social e político: o abandono social e político, “consentido por toda a sociedade”, de toda uma classe de indivíduos “precarizados” que se reproduz há gerações enquanto tal. (Souza, 2009, p.21).

Através dessa citação Souza evidencia as questões das populações que vive em condições de extrema vulnerabilidade, o autor esclarece que sua intenção não é desrespeitar essas pessoas, mas sim chamar a atenção para a situação de exclusão. Souza ressalta que, a pobreza não é apenas um problema individual, ela é um resultado de estruturas sociais que mantêm uma parte da população em condição precária, sem acesso às mesmas oportunidades e ao mesmo reconhecimento, que os demais mais se cidadãos, principalmente as pessoas que vivem em favelas.

Essa classe social, que é sempre esquecida enquanto uma classe com uma gênese e um destino comum, só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tais como “violência”, “segurança pública”, “problema da escola pública”, “carência da saúde pública”, “combate à fome” etc. (Souza, 2009, p.21).

O autor critica o fato de que a sociedade discute apenas os sintomas da desigualdade, enquanto ignora a origem estrutural do problema, para ele, sem reconhecer essa classe social e as condições que a produzem, as soluções tendem a se superficiais e insuficientes. A partir dessas questões que Souza cita, mais crianças e adolescente entra para o mundo do crime, deixa de frequentar a escola e perde a vida através da violência. Por falta de políticas públicas nas quais não são oferecidas as classes mais baixas da nossa sociedade.

A partir da contribuição de Jessé Sousa, sobre a vida na favela e infância, sua visão das pessoas que habitam nesta localidade deveria (Souza, 2009, p.21) ter mais visibilidade e oportunidades; como na educação, bem-estar, infraestrutura e segurança. Sendo assim, Conceição Evaristo (2014) no conto Zaita Esqueceu de Guardar os Brinquedos, autora descreve as questões referida, onde a personagem enfrenta desafios em seu dia a dia na favela com sua família, levando uma infância marcada por profunda escassez e violência urbana.

O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. (Evaristo, 2014, p. 48).

O contexto dessa citação Evaristo narra como era vida de Zaita e das demais das crianças diariamente na favela, autora faz um contraste marcante entre a infância e a violência para denunciar a realidade vivida por muitas crianças e comunidades marcadas por conflitos armados. Ao contrapor a doçura das balas de doce a letalidade das balas de arma de fogo, Conceição demonstra como a infância pode ser destruída por um contexto de exclusão e violência

social, nesse sentido embora seja uma criação literária, ela dialoga com acontecimentos sociais reais.

A favela é retratada como um ambiente de constantes conflitos, onde ausência do estado se manifesta pela precariedade dos serviços públicos, falta de segurança, escassez de oportunidades e por desigualdade social, nesse contexto, as crianças crescem convivendo diariamente com situações que ultrapassam sua capacidade de compreensão, tornando-se testemunhas e, muitas vezes, vítimas da violência urbana. A personagem Zaíta representa inúmeras crianças brasileiras que vivem em comunidades periféricas e tem a infância interrompida pelas condições impostas pelo meio social, embora ainda preserve características próprias da infância como o desejo de brincar e a imaginação, sua realidade é atravessada por dificuldades que limitam seu desenvolvimento.

A outra menina seguia aflita à procura da irmã para lhe falar da figurinha-flor desaparecida. Como falar também da bonequinha negra destruída? Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos! (Evaristo, 2014, p. 48).

Essa citação do conto, é um dos momentos mais impactantes da narrativa, pois descreve como a violência interrompe a infância de forma bruta, a reação de Naíta demonstra sua inocência sem compreender imediatamente a morte da irmã ela diz “Zaita, você esqueceu de guardar os brinquedos” ressalta que para uma criança, a maior preocupação são os brinquedos, enquanto o leitor percebe que saída nunca mais poderá brincar. contraste entre ingenuidade vou infantil e a tragédia da morte tornar a cena ainda mais comovente, é possível perceber uma social presente na obra, crianças que deveriam viver a infância com segurança e diversão acaba tendo suas vidas interrompida pela violência.

A personagem Zaíta tem a infância interrompida pela violência urbana as crianças estão expostas a situações de risco, muito comuns nas favelas onde quase que diariamente são noticiadas brigas entre gangues rivais e em confrontos com a polícia, quase sempre resultando na morte de pessoas inocentes. A condição financeira da família é o fator determinante para a criança, que passa o dia em companhia apenas da irmã gêmea, enquanto a mãe trabalha para garantir o sustento da casa saía sozinha no ambiente hostil para procurar a sua figurinha. (Evaristo, 2016, p. 48). Desse modo, é válido considerar que:

Os espaços escolhidos pela autora para o desenrolar de suas tramas são sugestivos e propositais, projetam a realidade brasileira e atribuem verossimilhança a sua ficção politizada, quais sejam, as favelas, morros, barracos, as ruas funcionando como lar para crianças, dentre outros lugares marginalizados (Mendes; Corrêa, 2020, p. 126).

Os espaços onde Conceição Evaristo escolhe os cenários de suas obras não são escolhidos por acaso, ao situar suas histórias em favelas, morros, barracos e ruas, autora aproxima sua ficção da realidade vivida por muitas pessoas no Brasil. A literatura de Evaristo é chamada de politizada, porque vai além de contar histórias, ela questiona desigualdades sociais, denúncia à justiça dá voz das pessoas que, muitas vezes são invisibilizada pela sociedade, esses espaços os tornam suas narrativas mais próxima da realidade e reforçam sua crítica a exclusão social, transformando a literatura é um instrumento de denúncia e reflexão.

Nesse sentido, Zaita transforma uma história individual em uma denúncia coletiva, a morte da infância representada pela personagem simboliza a realidade inúmeras crianças que tem sonhos interrompidas pela violência, Conceição utiliza a literatura como instrumento de denúncia existência e reflexão. Desse modo, a narrativa evidencia que a infância na favela é marcada por contradições, ao mesmo tempo em que existe afetos, brincadeiras e esperança, há também medo, e a constante ameaça da morte. essa dualidade reforça a crítica social construída pela autora e evidenciar a necessidade de políticas públicas, que garantam as crianças com suas vidas de desenvolvimento, assegurando seus direitos fundamentais e rompendo com ciclos de desigualdade que atravessam gerações.

4.2 A violência não tem idade nem nome

A violência é um fenômeno social que atravessa diferentes classes gêneros, idade espaços, manifestando-se de diversas formas e atingindo, principalmente, os grupos em situação de maior vulnerabilidade. No contexto brasileiro, ela está diretamente relacionada às desigualdades sociais e a pobreza, fatores que comprometem o desenvolvimento humano e restringem o acesso aos direitos fundamentais, nesse cenário, as crianças e adolescentes figuram entre as principais vítimas, pois vivenciam cotidianamente situações de abandono, negligência e violência física.

Diante disso, a autora Conceição Evaristo em *Olhos d'Água* (2016), na qual contém quinze contos, narra história de pessoas que moram na favela e que sofrem violências frequentemente. A personagem Zaita em consequências desses fatores perde a vida ainda criança por um confronto de balas perdidas, a autora demonstra que a violência não escolhe suas vítimas e que a infância, período que deveria ser marcado pela proteção, afeto e por brincadeiras. Em uma passagem do conto Evaristo mostra como era a realidade da personagem quando ela perde a vida “Algumas fizeram círculo no corpo da menina. Daí um minuto tudo

acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão”. (Evaristo, 2016, p. 48).

Essa parte do conto de conceição representa o momento em que Zaíta é vítima da violência armada constituindo o ponto mais dramático do conto, a autora descreve a cena de forma prévia e direta, que intensifica o impacto narrativa e evidencia a banalização da morte em contexto de extrema violência. Evaristo retrata na obra *Olhos d'água*, através dos contos como a violência era predominante na favela, onde todos os indivíduos sendo eles adultos, adolescentes e criança passavam por esses conflitos que quase sempre acabavam em morte.

Através da obra observamos, que todas as pessoas estavam expostas ao perigo da favela, pois naquela localidade ocorriam tiroteios constantes em meio a casas de pessoas inocentes que todos os dias estavam em busca de uma vida melhor para sua família. Conceição utiliza a trajetória de Zaíta para representar uma realidade social, em que as crianças embora alheias aos conflitos, torna-se vítimas da violência urbana revelando que a infância também é atingida pelas desigualdades que marcam a sociedade brasileira.

[...] antes que uma apologia da violência, esses contos alimentam a esperança na mudança do modo de ver e agir em relação ao menor abandonado e pobre, e o desejo de que crianças pobres, ou pobres e negras [...] tenham os mesmos direitos das demais crianças. (Silva; Rocha, 2015, p. 233).

A partir da visão das autoras Denise Silva e Adrieli Rocha (2015) afirmam que os contos de Olho d'Água não tem como objetivo incentivar a violência, pelo contrário eles denunciam as injustiças sociais e convidam o leitor a refletir sobre as necessidades de mudanças na sociedade. As autoras enfatizam que a obra de Conceição Evaristo, busca legitimar essas experiências, mais também provocar reflexão, incentivar transformações sociais, sua literatura reafirma que toda criança independentemente de sua origem social ou racial, deve ter garantidos os direitos fundamentais.

Além da violência letal enquanto evidência a violência econômica enfrentada pelas famílias periféricas, “a mãe de saída trabalhava continuamente, mas seu esforço não é suficiente para garantir condições dignas de sobrevivência” (Evaristo, 2014, p. 45). A insuficiência da renda o aumento do custo de vida e a necessidade de sustentar outros familiares demonstram que a pobreza também constitui uma forma de violência, pois priva os indivíduos do acesso aos direitos essenciais e com promete sua dignidade. A mãe de Zaita tentava de todas as maneiras em proporcionar uma qualidade vida melhor para ela e os irmãos, mesmo em meio as tantas dificuldades que enfrentava.

Assim, é possível dizer que a “violência não tem idade e nem nome”, pois significa reconhecer que ela pode atingir qualquer indivíduo, mas incide de maneira mais intensa sobre aqueles que vivem em condições de vulnerabilidade social. crianças como Zaíta torna-se vítima de uma violência produzida por estruturas sociais desiguais, que negam direitos fundamentais e comprometem o exercício pleno da cidadania, na qual sua morte simboliza a negligência do estado da sociedade diante das necessidades das populações mais vulneráveis, evidenciando como a falta de oportunidades de proteção, contribui para a perpetuação da violência.

Desse modo a literatura apresentada por Evaristo (2014) traduz de forma efetiva a realidade da infância brasileira baseada na miséria e ocultada pela sociedade, é possível observar a relação da criança cercada pelo qual o perigo com a rua, que se configura como espaço de negação e, ao mesmo tempo, de resgate, o qual representa tanto amor, quanto o refúgio e a dor. para além disso, quando a morte dessas crianças não se materializa no corpo em si manifesta-se a partir do roubo da infância em sua essência tornando as, desse modo, em pequenos adultos forçados em meio ao sofrimento.

4.3 Zaíta, violência e direito à infância

A leitura do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” permite compreender que a violência, em Conceição Evaristo, não se restringe ao instante do disparo ou à cena final da morte, mas se instala como lógica social que atravessa o cotidiano da favela e organiza a experiência infantil sob o signo da precariedade. Ao transformar a trajetória de Zaíta em eixo analítico, a autora evidencia que a infância periférica é permanentemente tensionada entre o desejo de brincar, os vínculos afetivos da vida familiar e a presença constante do risco. Dessa forma, o conto opera como denúncia da desigualdade estrutural que retira de determinadas crianças o direito de viver plenamente a infância.

“A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos.” (Evaristo, 2014, p. 45). A abertura do conto já inscreve a personagem em um universo de escassez material e desgaste cotidiano. A figura materna aparece marcada pelo trabalho, pela sobrecarga e pela dificuldade de sustentar a casa, o que evidencia que a vulnerabilidade infantil não pode ser dissociada das condições sociais da família. Em Evaristo, a pobreza não constitui pano de fundo neutro, mas força concreta que molda afetos, escolhas e limites de sobrevivência. A infância de Zaíta, por isso, é apresentada desde o início como experiência situada em um campo de privações que reduz a proteção e amplia a exposição à violência, como lido em: “Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali.” (Evaristo, 2014, p. 45).

A figurinha-flor, longe de ser um objeto banal, assume valor simbólico central no conto. Ela concentra afeto, memória, ludicidade e pertencimento; representa aquilo que a infância ainda tenta preservar em meio à carência. A busca insistente da menina sugere não apenas apego a um brinquedo, mas a defesa de um pequeno universo subjetivo que resiste à brutalidade do entorno. Nesse sentido, o conto mostra que o direito à infância não se resume ao simples fato biológico de ser criança: ele depende da existência de condições sociais que garantam segurança, imaginação, continuidade e possibilidade de desejo.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a reflexão teórica sobre violência. Conforme afirma Souza, “A violência é uma ação que simplesmente não considera a outra pessoa, ou melhor, a considera como uma coisa, numa relação em que o outro não fala e se torna um objeto” (Souza, 2007, p. 47). A formulação é especialmente produtiva para a leitura do conto porque permite perceber que a violência sofrida por Zaíta não começa no momento em que a bala a atinge. Ela se manifesta antes, na naturalização de um espaço em que crianças circulam entre becos armados, no modo como o medo é incorporado à rotina e na transformação de vidas infantis em existências socialmente expostas ao descarte.

Assim, a violência narrada por Evaristo possui dimensão estrutural e cotidiana. O confronto armado é sua face mais visível, mas não a única. A ausência de políticas públicas, a precariedade habitacional, o cansaço materno, a escassez de brinquedos e a insegurança dos espaços de circulação também participam da composição de um mundo em que a infância é permanentemente vulnerabilizada. O conto denuncia, portanto, um regime social no qual determinadas crianças não são tratadas como sujeitos prioritários de cuidado, mas como vidas atravessadas desde cedo pela urgência da sobrevivência.

“O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil.” (Evaristo, 2014, p. 48). Essa citação é decisiva porque condensa a colisão entre dois universos incompatíveis: o da brincadeira e o da guerra cotidiana. Ao fazer com que o som das balas se misture ao ruído das crianças, Evaristo revela que, na favela, a infância não está separada da violência, mas imersa nela. O espaço que deveria acolher o jogo, a descoberta e a construção de vínculos torna-se cenário de ameaça contínua. A autora explicita, desse modo, que a desigualdade brasileira também se manifesta na distribuição seletiva da infância: enquanto algumas crianças vivem sob proteção, outras aprendem a conviver com o medo como componente ordinário da vida.

Essa leitura encontra respaldo no campo jurídico e político do direito à infância. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que

[...] é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde,

à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 1990, art. 4º).

Ao confrontar esse princípio com a realidade de Zaíta, o conto evidencia a distância entre a garantia formal do direito e sua realização concreta. A infância da personagem demonstra que o acesso à proteção, ao lazer e à segurança permanece profundamente desigual.

Desse modo, a morte de Zaíta não pode ser lida como episódio isolado, mas como fracasso coletivo de uma sociedade que não assegura, de fato, os direitos que proclama. Quando Evaristo narra a menina em busca de sua figurinha-flor, desloca o debate sobre violência para além do discurso policial e o recoloca no plano ético e social: o que está em jogo não é apenas a presença da criminalidade, mas a incapacidade histórica do Estado e da sociedade de garantir às crianças periféricas aquilo que lhes é devido como prioridade absoluta. O conto, assim, transforma literatura em crítica radical à seletividade da cidadania, uma vez que “balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar.” (Evaristo, 2014, p. 48).

A imagem construída por Evaristo intensifica a dimensão trágica da narrativa ao inverter o simbolismo da flor. Se a figurinha-flor remete à delicadeza, à beleza e à imaginação infantil, as “flores malditas” das balas revelam a captura desse universo pela violência. A metáfora expõe que, em contextos periféricos, até mesmo os signos da infância podem ser contaminados pelo risco e pela morte. A autora, com isso, produz uma crítica de grande força estética: o que deveria florescer como vida, jogo e futuro passa a florescer como ferida, trauma e interrupção.

A construção do desfecho reforça ainda que o conto trabalha com a negação do futuro infantil. Zaíta não é apenas uma personagem que morre; ela representa a infância cujo tempo é interrompido antes de amadurecer. Seu corpo, atingido no meio do tiroteio, torna-se marca material de uma sociedade que permite que crianças sejam expostas a conflitos que não lhes pertencem. Em vez de proteção, a menina encontra um espaço social em que a vulnerabilidade é naturalizada. Nesse sentido, Evaristo denuncia não apenas a violência do evento, mas a violência anterior de uma ordem social que reduz drasticamente o horizonte de vida de sujeitos pobres e negros.

“— Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” (Evaristo, 2014, p. 48). O grito final de Naíta concentra a dimensão mais dolorosa da crítica social do conto. Para a irmã, os brinquedos ainda organizam o sentido do mundo; a morte, entretanto, rompe esse horizonte de compreensão. A frase evidencia o choque entre inocência e devastação, tornando visível o momento em que a linguagem infantil já não basta para dar conta da perda. Evaristo transforma

essa fala em denúncia porque mostra que não se trata apenas da morte de uma menina, mas da destruição de uma relação entre irmãs, de um futuro possível e do próprio direito à infância como tempo de segurança, continuidade e esperança.

Por isso, a reunião das discussões antes distribuídas em subtópicos distintos permite uma compreensão mais orgânica do conto. A figurinha-flor, o futuro negado e o grito de Naíta não são elementos separados, mas momentos de uma mesma crítica à violência estrutural e à desigualdade que recaem sobre a infância periférica. O texto de Conceição Evaristo demonstra que o direito à infância, quando observado a partir das margens sociais, revela a profundidade das injustiças brasileiras. Sua literatura, ao articular experiência infantil, violência cotidiana e denúncia social, afirma que proteger a infância não é gesto abstrato ou sentimental, mas exigência política, ética e histórica de uma sociedade comprometida com a dignidade humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar de que forma Conceição Evaristo representa a desigualdade social e a violência na obra *Olhos d'Água* (2016), com ênfase no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Ao longo do percurso investigativo, foi possível compreender como a autora transforma a literatura em um espaço de denúncia, resistência e elaboração crítica da experiência histórica das populações negras e periféricas no Brasil.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foram encontradas algumas dificuldades pertinentes, sendo a principal delas relacionada à escassez de estudos que abordem de forma específica a representação da infância periférica no conto analisado. Ainda assim, o diálogo entre o referencial teórico mobilizado e a análise literária permitiu suprir, em grande medida, essa lacuna, oferecendo uma leitura articulada e fundamentada do texto evaristiano.

Ao retratar a violência e a desigualdade social em *Olhos d'Água*, especialmente no conto analisado, Conceição Evaristo apresenta personagens que encarnam uma realidade social concreta, presente no cotidiano de milhares de crianças e famílias brasileiras. A figurinha-flor buscada por Zaíta, objeto aparentemente banal, revela-se símbolo da infância que tenta resistir ao peso de uma estrutura social que a condena antes mesmo de lhe dar oportunidade.

A análise das violências em *Olhos d'Água* permitiu compreender a dimensão literária e política da obra de Conceição Evaristo: a autora representa a desigualdade por meio de personagens infantis e faveladas, rompendo com narrativas que tradicionalmente silenciam ou invisibilizam essas existências. A infância, em sua escrita, não é fase naturalmente protegida, mas território disputado pela violência estrutural e pelo abandono do Estado.

No quarto capítulo, que constituiu o núcleo analítico desta pesquisa, a leitura do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” revelou que a violência narrada por Evaristo possui dimensão estrutural e cotidiana. O confronto armado é sua face mais visível, mas não a única: a ausência de políticas públicas, a precariedade habitacional, a falta de segurança e a privação econômica compõem um cenário de violência difusa que determina o destino das crianças periféricas muito antes do disparo fatal.

Dessa forma, a autora rompe com perspectivas estereotipadas ao conferir voz e protagonismo àqueles que, durante muito tempo, permaneceram à margem da literatura brasileira. A análise também evidenciou que a representação da infância periférica em Evaristo não cumpre apenas função temática, mas opera como dispositivo de humanização: ao narrar a

morte de Zaíta com sensibilidade e precisão crítica, a autora impede que essa morte seja naturalizada ou esquecida.

Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo possui relevância social, cultural e política inegável. Sua obra amplia a representatividade da população negra na literatura brasileira, valoriza memórias coletivas e individuais historicamente suprimidas e interpela o leitor a assumir uma postura ativa diante das injustiças que a ficção denuncia.

Esta pesquisa possibilitou uma compreensão aprofundada da importância de Conceição Evaristo para a literatura afro-brasileira contemporânea, especialmente no que diz respeito às questões de desigualdade social, violência, raça e infância. Ao articular escrevivência, memória e crítica social, a autora demonstra que a literatura pode ser, simultaneamente, arte, testemunho e instrumento de transformação.

Por fim, *Olhos d'Água* consolida-se como uma das obras mais relevantes da literatura brasileira contemporânea. A escrevivência de Conceição Evaristo — projeto literário que reúne contos articulando memória, dor, denúncia e beleza — convida o leitor a ver o Brasil a partir de suas margens: não como ausência de humanidade, mas como lugar onde a humanidade resiste com toda a força que lhe resta.

Cabe destacar, ademais, que a discussão aqui empreendida aponta para a necessidade de se ampliar o espaço da literatura afro-brasileira nos currículos escolares e acadêmicos. Obras como *Olhos d'Água* não apenas cumprem função estética, mas educam o olhar para a desigualdade, desenvolvem empatia e fomentam o pensamento crítico sobre a estrutura social brasileira. Incorporar Conceição Evaristo aos planos de ensino é, portanto, um ato pedagógico e político indissociável.

Que esta pesquisa sirva, enfim, como ponto de partida para novas investigações sobre a obra de Conceição Evaristo e sobre a literatura afro-brasileira contemporânea. Os temas aqui abordados — desigualdade, violência, infância periférica, escrevivência e memória — permanecem urgentes e demandam atenção continuada da comunidade acadêmica, dos educadores e de todos aqueles comprometidos com uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1985.
- BRASIL. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- CADERNOS NEGROS**: poesias. Organização: Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1982-1990. 5 v.
- CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- COSER, Stelamaris. Circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- DIAS, Reinaldo. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Mulheres, 2006.
- EVARISTO, Conceição. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. São Paulo; Rio de Janeiro: Itáu Social, 2020.
Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- EVARISTO, Conceição. Depoimento. **Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado**. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- EVARISTO, Conceição. "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos." In: EVARISTO, C. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 45-48.
- KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político-pedagógico da educação infantil. In: BAZÍLIO, L. C e KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LAJOLO, Marisa. Olhos d'Água, de Conceição Evaristo. **LITERAFRO**, 2016. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- MACHADO, Bárbara Araújo. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://bityli.com/sGRs7>>. Acesso em: 19 set. 2020.

MENDES, Danielle Gomes; CORRÊA, Gabriel Vidinha. Filho da rua: um olhar sobre o marginalizado no conto "Di Lixão", de Conceição Evaristo. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, v. 6, n. 1, p. 125-138, jan./jun. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/13916>>.

Acesso em: 5 nov. 2020.

MENESES, Fernanda. Ilê Aiyê: meio século de luta, beleza e resistência. **Geledés**, 2024. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ile-aiye-meio-seculo-de-luta-beleza-e-resistencia/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MOORE, Mick; HOSSAIN, Naomi. Elites, poverty and public policy. In: REIS, Elisa; MOORE, Mick (org.). **Elite perceptions of poverty and inequality**. New York: Zed Books, 2005.

PORTO, Luana Teixeira. Postura do narrador na abordagem da violência: uma leitura de contos brasileiros contemporâneos. In: GOMES, Gínia Maria (org.). **Século XXI: perspectivas para a literatura brasileira**. Porto Alegre: AGE, 2011.

RIBEIRO, Esmeralda. Ogum. In: SILVA (CUTI), Luiz et. al. (Org.) **Cadernos Negros 8**. São Paulo: Edição dos autores, 1985.

RIBEIRO, Esmeralda. Gerações com Esmeralda Ribeiro. In: CAMILLO, Plínio. **Notas de escurecimento**. TV Matraca, 27 set. 2022. 1h28min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Su74LoaOZYM>>. Acesso em: 27 out. 2022.

SILVA, Denise Almeida; ROSA, Andrieli Santos da. **A infância roubada em contos de Conceição Evaristo**. 2015. Disponível em: <<https://www.revistarascunhos.sites.ufms.br>>. Acesso em: 14 out. 2018.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CARDOSO, Sebastião Marques. Conceição Evaristo: da mulher negra à escritora. **Afro-Ásia**, núm. 59, 2019, Janeiro-Junho, pp. 77-101.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Valmir de Violência e Resistência na Literatura Brasileira. In: **Os sentidos da violência na literatura**. São Paulo: LCTE Editora, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.